

SIGNIFICADO DO TORÉ PARA IDOSOS DA ETNIA POTIGUARA NOS JOGOS INDÍGENAS DA PARAÍBA

Patricia de Jesus Costa dos Santos^{1, 5, 6}; Jarlson Carneiro Amorim da Silva^{2, 5}; Luiz Arthur Cavalcanti Cabral³; Bruno Medeiros Roldão de Araújo^{1, 4, 6}

Universidade de Pernambuco – UPE¹ patriciajcs@gmail.com

Universidade Federal da Paraíba – UFPB² jarlsonamor@gmail.com

Centro Universitário de João Pessoa – UNIPE³ tutacabral@hotmail.com

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG⁴ bruno.rol@gmail.com

LAISTHESIS – Laboratório de Estudos sobre Corpo, Estética e Sociedade⁵

GEPESC – Grupo de Estudos e Pesquisa Sociocultural: o indivíduo em Educação Física⁶

INTRODUÇÃO

Por muitos anos, a história do Brasil foi contada apenas na versão de um protagonista. Isso contribuiu para a criação da imagem do índio ingênuo, primitivo, presente até hoje no imaginário de muitos povos, gerando por vezes, decepção nos visitantes de comunidades indígenas, especialmente na região nordeste, onde a cultura do índio e não-índio se fundem de tal maneira que geram falsas expectativas em turistas desinformados. Apesar desta aculturação, esses povos preservam e mantêm vivo suas danças, seus jogos, seus mitos e seus ritos, atraindo pesquisadores de diversas áreas do conhecimento.

Desde que o Brasil foi invadido, 90% da população indígena foi exterminada⁷ por meio de lutas ou disseminação de doenças trazidas pelos europeus, possuindo atualmente uma nação composta por cerca de 817.963 habitantes distribuídos em todos os Estados da Federação, divididos em 305 etnias⁹. No litoral norte do estado da Paraíba, vivem 20.554 índios da etnia Potiguara⁹ que tem sua economia basicamente voltada para

a pesca, a agricultura, o assalariamento rural e urbano, o funcionalismo público, aposentadorias¹¹, bem como os programas do governo, cooperativa de artesanato e da usina de extração de mel localizada na aldeia São Miguel.

O povo Potiguara segue uma vida comum a qualquer brasileiro que vive em zona praieira ou rural. Eles trabalham, estudam e buscam desenvolvimento para sua comunidade como qualquer brasileiro e não perdem sua identidade ao buscar melhorias¹⁰, especialmente em prol da cultura, já que esta é representada por seus cantos, seus jogos, sua dança e seus rituais sagrados que são passados através dos anciãos para as novas gerações. Diante do exposto, o presente estudo objetiva analisar os sentimentos vividos por anciãos Potiguara participantes do ritual do Toré na abertura da V Edição dos Jogos Indígenas da Paraíba, realizado no período de 23 à 26 de abril de 2015 na aldeia São Francisco, município de Baía da Traição.

METODOLOGIA

O presente estudo é um recorte do projeto de pesquisa intitulado Jogos Indígenas da Paraíba: Significado das Práticas Corporais. De abordagem etnográfica, a pesquisa qualitativa está caracterizada pelo fato de analisar um universo de significados, crenças, valores e atitudes de um determinado grupo que não podem ser mensurados à luz de operacionalizações variáveis^{5, 6, 12}.

Durante a pesquisa, foram entrevistadas 04 lideranças da etnia Potiguara com mais de 60 anos, participantes dos Jogos Indígenas da Paraíba. Também foram observadas algumas especificidades do ritual do Toré. Inicialmente foi descrito o fenômeno social e ritualístico, analisando a partir de então, os passos da dança e as emoções vividas pelos idosos que se faziam presentes na roda por meio de observação e um roteiro de entrevista semiestruturada que foram avaliadas através de análise categorial, no qual se reúne um conjunto de técnicas de análises de comunicações, onde as mensagens são avaliadas sistematicamente, sendo reagrupadas através de analogias².

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após analisar os dados, foram elaboradas duas categorias analíticas: a primeira sobre os Jogos Indígenas da Paraíba, onde é tratada a dimensão do evento no estado e a segunda categoria destaca os sentimentos em relação ao Toré, na visão dos idosos que participaram da cerimônia de abertura do evento.

Jogos Indígenas da Paraíba

Com sua primeira edição em 2011, os Jogos Indígenas da Paraíba foram idealizados pelas lideranças indígenas da etnia Potiguara e a Secretaria de Esporte e Juventude do Governo da Paraíba, com o objetivo de reunir as 32 aldeias que estão distribuídas nos municípios de Rio Tinto, Marcação e Baía da Traição⁴.

Na quinta edição dos Jogos Indígenas da Paraíba realizado em abril de 2015, mais de mil índios da etnia Potiguara participaram dos rituais, das apresentações culturais e das competições esportivas que foram representadas através do cabo de guerra, arco e flecha, corrida de tora, canoagem, futebol, futsal e maratona. A respeito dos eventos esportivos, percebe-se que os jogos em comunidades indígenas são culturalmente mal compreendidas³, porém, o fenômeno esportivo já está presente em quase todas as sociedades humanas¹⁴ independente de idade, etnia ou classe social. A esse respeito, a participação das práticas esportivas da etnia Potiguara não exclui idosos de participarem das competições, como declarou o entrevistado 3: “[...] Qualquer um pode, desde que ele se sinta capaz”.

Também está presente no evento, um universo de ritos e símbolos que representam todo o processo histórico-cultural da etnia, apresentados com mais ênfase

na cerimônia de abertura, onde há uma maior concentração de público e imprensa. Sobre a importância do evento, o entrevistado 5 aponta que: “[...] muita gente vê aquele monte de índio lá em Brasília, lutando, brigando e não sabe porque eles tão lá. [...] mostrando o movimento indígena aqui, eles vão procurar a cultura e vão saber o porquê da nossa luta”. Com isso, os Jogos Indígenas da Paraíba não só promove o fortalecimento e união entre as aldeias, mas também, exerce uma importante representação nas questões políticas para os povos indígenas do país.

O Toré e seus significados

O ritual do Toré tem importante significado como prática religiosa¹ para a etnia Potiguara, sendo também considerada manifestação cultural de muitas comunidades indígenas da região nordeste¹¹. Os elementos contidos no ritual do Toré, como a dança e o canto apresentam elementos da cultura onde é possível reunir e transmitir informações de diferentes povos¹³. Em comunidades indígenas, o ritual do Toré é elemento sagrado e determina a presença espiritual daquele povo⁸, como enfatiza o entrevistado 2: “[...] pra gente dançar o Toré eu tenho que pedir permissão ao nosso pai Tupã. [...] Então nada de mal acontece na hora que a gente tá dançando, porque a gente pediu que liberasse para a gente dançar”. Esta manifestação é passada de geração em geração através de memórias coletivas e individuais e neste sentido, a população idosa tem papel primordial para a preservação das práticas corporais e religiosas da etnia¹. Sobre a relação do Toré e os jovens, o entrevistado 8 relata: “Nós já nascemos dentro do ritual, [...] quando ele se envergonha de mostrar quem ele é, [...] ele tá deixando de ser índio. Tá perdendo a cultura dele e ele não deve fazer assim [...] a gente é uma coisa e tem que ser até o fim da vida”. Deste modo, é perceptível a importância do idoso na propagação da cultura indígena. Apesar da fala do entrevistado 8 apresentar uma preocupação dos índios que se envergonham da sua cultura, o número de jovens que respeitam e seguem os

ensinamentos dos mais velhos ainda prevalecem, o que foi notadamente percebido durante a abertura da V edição dos Jogos Indígenas da Paraíba.

Diante do exposto, percebe-se que é através do ritual do Toré, que a população mais velha da etnia Potiguara conduz seus corpos como instrumento de conhecimento e ensinamentos aos mais novos, pois é através do corpo que é adquirida a proteção dos encantados e se faz reverência a memória dos seus mortos através da dança. Além disso, no evento, o Toré é apresentado com o intuito de agradecer, pedir proteção durante as partidas e celebrar e união entre as 32 aldeias. Neste sentido, observa-se a magnitude intencional do corpo vivido como manifestação cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A diversidade social cultural e étnica existente no Brasil é de grande notoriedade, onde comunidades indígenas estão adquirindo maior reconhecimento e respeito junto a comunidade não-índia. Diante do exposto, o estudo buscou fazer uma análise acerca da importância do papel do idoso em comunidades de diferentes culturas especialmente em comunidades indígenas.

Diante do reconhecimento das práticas corporais de comunidades indígenas e a importância do idoso na formação e perpetuação das práticas corporais e religiosas, percebe-se a carência de estudos etnográficos acerca das práticas corporais e o velho indígena.

REFERENCIAS

1. Barcellos, L. (2012). Práticas educativo-religiosas dos Potiguara da Paraíba. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB.
2. Bardin L. (2002). Análise de conteúdo. Tradução. Reto, L. A.; Pinheiro, A. Lisboa: Edições 70.
3. Burnett C, Hollander WJ. (2004). The South African Indigenous Games Research Project Of 2001/2002. Grahamstown: South African Journal for Research in Sport, Physical Education & Recreation.

4. Cardoso TM, Guimarães GC. (2012). Etnomapeamento dos Potiguara da Paraíba. Brasília: FUNAI/ CGMT/ CGETNO/ CGGAM. Série Experiências Indígenas.

5. Fetterman DM. (2010). Ethnography Step-by-Step. 3ed. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

6. Flick U. (2009). Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa (2ª ed.), Porto Alegre: Bookman.

7. Gomes MP. (2012). Os índios e o Brasil: Passado, presente e futuro. São Paulo: Editora Contexto.

8. Grünewald, RA. (2008). Toré e Jurema: Emblemas Indígenas do Brasil. Revista Ciência e Cultura. São Paulo. V. 60 . nº 4.

9. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2010. Características Gerais dos Indígenas: Resultados do Universo. [acesso em 2015 ago 06]. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/95/cd_2010_Indigenas_universo.pdf

10. Moonen F. (2008). Os índios Potiguara da Paraíba (2ª ed). Recife: UFPE.

11. Palitot EM, Souza Júnior FB. (2005). Todos os pássaros do céu: o toré potiguara. In Grünewald RA. (Org.). Toré: regime encantado do índio do Nordeste. Recife: Fundaj, Ed. Massangana; 187-319.

12. Sampieri RH, Collado CF, Lucio MPB. (2013). Metodologia de Pesquisa. Porto Alegre: Penso.

13. Velho APM. (2009). A semiótica da cultura: apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação. Revista de Estudos da Comunicação, v.10, n.23, 249-257, set/dez. [acesso em 2014 mai 29]. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/comunicacao?dd1=3633&dd99=view&dd98=pb>>.

14. Vinha M, Ferreira MBR. (2003). Esporte entre os índios Kadiwéu. Revista Brasileira de Ciência do Esporte, v. 24, nº 3. [acesso em 2014 set 01]. Disponível em: <http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view>